

EMPODERAMENTO NEGRO FEMININO EM A MULHER DE ALEDUMA

Josimeire dos Santos Brazil¹

Resumo: Este trabalho tem como proposta apresentar um recorte da pesquisa de doutorado em andamento. Para tanto, trago neste, Aline França, mulher negra, baiana, escritora que se apresenta como uma das pioneiras da criação feminina, afro-brasileira. Sua obra traz potencialidades, elementos plurais e de interfaces entre literatura, ancestralidade, diáspora, memória, história e negritude, capazes de nos instigar ao debate e as reflexões em torno das literaturas, que mobilizam mecanismos da resistência negra feminina, além de vários tipos de combate retórico e ideológico nas e das diversas formas de opressão e de violência de gênero, raça/etnia, da resignificação identitária, e como estes elementos podem ser vistos na construção/entendimento de um empoderamento que visa à igualdade dos pares, com vozes que ecoam reflexão e potência como exercício do ver, dizer, escrever, no processo de fundação desta mesma literatura. Desse modo, faz necessária a compreensão do termo empoderamento, a partir de conceitos alavancados por estudiosas como bell hooks, (2001), Sueli Carneiro, (2019), Joice Bert(2019), entre outras/os. Para o recorte do estudo, escolhi, portanto, o livro *A Mulher de Aleduma* (1985), obra que nos oferece um panorama da produção da autora. Proponho neste momento da pesquisa destacar a ideia de uma dialética invertida da escravidão, e das memórias aprisionadas na evolução da rememoração. Para tanto, ainda pretendo trazer à cena desta explanação o entendimento do que Conceição Evaristo chama de Escrivivência, para trilhar os caminhos da escrita de Aline França em *A Mulher de Aleduma* (1985).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Orientador: Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: josisantosss@hotmail.com.br.

Palavras-chave: Literatura feminina afro-brasileira.
Empoderamento. Escrivência.

INTRODUÇÃO

Pensar o termo Empoderamento é construir um espaço de discussões, debates e interlocuções de base crítica, analítica e teórica. Deste modo, refletimos tal conceito pautado nas dimensões dos estudos que se debruçam sobre os sentidos de Empoderamentos negros femininos na contemporaneidade.

Em princípio, chamo à cena as inferências de Joyce Berth (2022) que aponta a tensão que o termo Empoderamento trás, muitas vezes, apropriada de forma errônea, em contextos que não levam em consideração o seu teor político e sua vertente mobilizadora de transformação. Em sua lógica de construção de palavra “Empoderar é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas” Berth (2019). Acreditar ou reforçar a ideia de que empoderamento está ligado, simplesmente, à noção da imagem é minimizar a lógica que é pautada a partir do debate e seu caráter político, é permitir o fortalecimento da dialética do mercado que serve ao aparato da opressão. Nestes termos, essa intencionalidade de esvaziamento de sentido, traz também a necessidade de reflexão aprofundada em torno do conceito de empoderamento feminino, uma vez que ao se apropriar do conceito em suas bases críticas, reflexivas, analíticas podemos ter a dimensão precisa para que haja, assim, o entendimento dessa relação de poder que liga ato individual, de agentes de transformação de si e, conseqüentemente do outro, para que se possa estabelecer estruturas de sujeitos/sujeitas capazes de reordenar coletividades.

É preciso, no entanto, compreender Empoderamento como essa extensão de poder, no viés de teia, na qual se tece redes para que a partir deste encadeamento se alcance a autonomia. Ainda seguindo tais pensamentos é preciso estabelecer que este trabalho segue o intuito de reflexão do empoderamento feminino negro, devido as subjetividades que as mulheres negras abarcam, como centro de minorias, afetadas pelas questões raciais, sexistas de base calcadas nos meandros da colonização.

Para tanto, busco tal entendimento a partir do livro *A mulher de Aleduma*, de Aline França. Mulher negra, baiana, escritora que se apresenta como uma das pioneiras da criação feminina, afro-brasileira. Sua obra nos empurra a refletir a respeito da criação ficcional e estes ajustes com a realidade, sendo que, os modos de conexão entre a razão dos fatos e a razão da ficção passaram por um processo de redefinição no qual “Escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade” (RANCIÈRE 2009, p. 58). Neste intento, notamos a conexão de escrita e ato de resistência de literatura e a arte de inscrição da vida. Ao que Conceição Evaristo (2017) chama de Escrivivência. Ou seja, o processo de escritura com base nas vivências. Assim, precisamos pensar o texto literário enquanto arte capaz de criação e recriação de mundos, de vivências e de várias realidades.

LITERATURA FEMININA AFRO-BRASILEIRA/BAIANA

Aline França escreve *A Mulher de Aleduma* em 1985. Durante esta época, a escritora vive imersa nos acontecimentos de cunho cultural que aconteciam na Bahia, mormente, em Salvador. Em seu processo de escrita, traz no bojo da criação seu propósito de mulher negra que luta, resiste e sabe que sua arte está atrelada intimamente as suas vivências e suas subjetividades. Agitadora cultural, atenta às demandas do Movimento Negro, da

efervescência da época, entende a linha de seguimentos de seu cordão ancestral e mira no futuro. Aline França projeta e executa a arte da escrita, consciente de seu papel como componente de uma literatura feminina afro-brasileira. Sua obra traz potencialidades, elementos plurais e de interfaces entre literatura, ancestralidade, diáspora, memória, história e negritude, capazes de nos instigar ao debate e as reflexões em torno das literaturas, que mobilizam mecanismos da resistência negra feminina, além de vários tipos de combate retórico e ideológico nas e das diversas formas de opressão e de violência de gênero, raça/etnia, da ressignificação identitária, e como estes elementos podem ser vistos na construção/entendimento de um empoderamento que visa à igualdade dos pares. Nessa perspectiva, vale observar a análise de Ana Rita Santiago (2012), a respeito da escrita de autoras negras. A estudiosa diz:

Em textos de autoria feminina negra, vários eus são encenados; destacam-se o eu autoral e o eu ficcional, posto que vozes e personagens tenham marcas autobiográficas. Esses pretensos eus (referenciais e ficcionais) se mesclam em tramas e poéticas, evidenciando a interface entre o real e a ficção e problematizando o binarismo fato e ficção, tendo em vista a criação de uma textualidade em que as escritoras, juntamente com suas personagens e vozes, se tornem autoras femininas negras. Assim criar tipos é inventar a si mesmas, já que ficção e não ficção não remetem a territórios nitidamente separados.

Deste modo, os “eus encenados” configuram a essência da vibração autoral na concepção de uma literatura intencionalmente conectada aos anseios sociopolíticos e de pluridiversidade, em que a ficção e os fatos pertencem ao mesmo mecanismo de criação. Ao passo que pontuamos as características marcantes da autora, alavancadas a partir da sua escrita e de seus posicionamentos

enquanto artista, é possível também vislumbrar como essas potencialidades podem servir como pilar na afirmação de um empoderamento, que se quer, como bases de rompimento das vertentes opressoras. Aline França entende e sabe que as suas vivências diversas e a dos seus pares são combustão indispensável para a mudança/transformação e autonomia que deseja para a sociedade por meio da solidificação de uma literatura afro-brasileira marcada por âncoras de uma literatura singular essencialmente, afrobaiana.

Deste modo, A autora nos apresenta um novo mundo, a saber, Aleduma.

Em certo continente da Terra, há milênios atrás, proveniente do espaço longínquo surgiu um negro de aparência divina, com uma missão de iniciar a proliferação de uma raça que futuramente viria a se tornar, na história desse continente, um componente de relevante importância. Era Aleduma, um Deus Negro, de inteligência superior, vindo do planeta IGNUM, governado pela Deusa Salópia. Seu porte altivo, pele reluzente, ligeiramente corcunda, com pés voltados para trás, barba trançada, caída até o chão, dava-lhe um aspecto singular. Veio para a escolha do local onde se desenvolveria raça negra. (*A Mulher de Aleduma*, 1982, p.7)

Eis ali, um mundo fictício capaz de recuperar o fio perdido da teia já mencionada anteriormente. A teia da reconstrução e solidificação dessa história/memória do povo negro. O protagonismo negro é essencial para romper as bases do ideal racista. Aleduma é a concepção de um mundo seguro, gestado no seio do porvir, intenciona uma organização/reorganização coletiva. As caracterizas encenadas da narrativa descreve um ser de “inteligência superior” com os pés voltados para trás, símbolo de continuidade e de ancestralidade. Elementos decisivos na compreensão/projeto de fortalecimento das raízes africanas com

base nas sabedorias costuradas nas eras entre passado e futuro, com a perspectiva de desenvolvimento da “raça negra”. Uma interconexão que subscreve o desejo de um projeto novo de sociedade, ao passo que reconfigura as ideias já postos por esta mesma sociedade. A dialética da transformação através do ideal de poder e justiça social, promovida por um Deus negro e uma Deusa negra como elemento de marcas de uma nova gênese de humanidade.

ESCREVIVÊNCIA A PARTIR DE *A MULHER DE ALEDUMA* (“ESCRavidÃO INVERTIDA”?)

Discutirei aqui, de forma breve, visto a dimensão que delimita este trabalho, o processo ao qual chamei, em um primeiro momento de estudo, de *Escravidão Invertida*. Um conceito que trago como modo de vislumbrar a capacidade de mobilização de mecanismos e de potências que a obra *A mulher de Aleduma* (1985) é capaz de nos oferecer. Estes mecanismos de potências, ou potencialidades são esferas importantes na construção de modos de empoderamento constituídos como bases sociopolíticas com vista à autonomia individual e conseqüentemente de um grupo, pois, como aponta Davis (1982). “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

Na sequência, e a partir do entendimento do conceito, *Escravidão Invertida*, anteriormente mencionada, é preciso elucidar que tal conceito cunhado por mim, apesar de uma intenção de originalidade, pode trazer entendimentos diversos, ou equivocados, levando ao erro do entendimento, sendo visto como substituição de mecanismos de opressão: Ou seja, Inverter a *Escravidão*, estaria relacionado a escravização dos opressores? Obviamente que não. A proposta da reflexão é trazer a luz das

nossas elucubrações os pontos na obra que denunciam a escravidão nos moldes que a história oficial e da colonização trás, e como pelo evento intrínseco da linguagem essa mazela produzida pela humanidade, pode ressignificar ascensão e liberdade, através desse mesmo ato, possível, apenas pelo acontecimento de linguagem.

Como dito, o termo foi cunhado no primeiro momento de estudo, de tal forma que será substituído nos trabalhos posteriores, visto seu caráter frágil de não oferecer, por si só, o entendimento competente ao que a ideia apresenta. Aqui, nos basta a compreensão do sentido, sem demais alargamentos. No entanto, a perspectiva de análise das potencialidades que Aline França mobiliza, através das suas vivências, permanecem vivas nesta análise através do que Evaristo (2018) chama de *Escrevivência*, Segundo a autora.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação [...]

Nessa perspectiva, vale as formulações em que retrata o empoderamento feminino negro, como parte de uma travessia das vivências que atravessa o sujeito/a histórico/a. Assim com vozes que ecoam reflexão e potência como exercício do ver, dizer, escrever, no processo de fundação desta mesma literatura que se faz através destes mecanismos. Para desenvolver o tema, a autora não se desvencilhou de seu lugar de mulher negra, pertencente às

minorias, ela se valeu de vivências dos arcabouços de suas histórias-memória. Visto isto,

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e sexista, para refutá-la e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. (bell hooks, 2000.)

A pensadora bell hooks coloca no texto supracitado a urgência de se debater o empoderamento numa perspectiva dentro de estratégias do cotidiano, assim como, Evaristo entende este debate dentro desta mesma articulação, ou seja, entre pensamento e ação. Desse modo, as ações centradas resultam nesse processo de Empoderar, pois, como afirma Ribeiro, (2018) “quando uma mulher empoderada tem condições de empoderar outras.” Desta forma, podemos entender a obra *A Mulher de Aleduma* numa relação binária: Isto é, a narrativa como própria construção de empoderamento, através da autoria de Aline França e de seus ideais de autoficção. Ao passo que é capaz de realizar essa ação coletiva de empoderar pelas articulações conscientes entre a memória individual e coletiva na construção deste ideal literário afro-brasileiras, dentro dos espaços possíveis.

Durante a narrativa, há momentos decisivos que demonstram esse ideal de construção de uma sociedade autônoma e justa, alavancada pelo ato de empoderamento:

Eles vieram de IGNUM
Para te escolher!
Dança! Dança, Dança! Irisan
Os negros de IGNUM são justos

Querem que você fique com o poder.
(A Mulher de Aleduma, 1985, p.14)

Tem-se no trecho supracitado, o ideal de combate associado a elementos a partir da canção, entoada por Maria Vitória, a Deusa Negra. É preciso notar esse desejo de poder associado à justiça social. A dança é o movimento dos corpos, que insinuam os combates ideológicos. O canto é voz. Ter voz é ter poder, fazer-se voz é empoderar a si como indivíduo e conseqüentemente toda uma coletividade. *A mulher de Aleduma* de Aline França é a representação desse movimento de Empoderamentos dos corpos negros femininos, nas e através da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho estendeu-se através de um pequeno recorte que faz parte das minhas investigações a respeito da obra *A mulher de Aleduma* (1985), da escritora afro-baiana Aline França. Procurei levantar discussões pertinentes que servirão, brevemente, como estilhaço para um debate mais aprofundado da pesquisa e, através de abordagens diversas que marcam as potencialidades da obra como um fator decisivo para o empoderamento negro feminino. Assim, com o ideal de interpor um espaço de discussões, debates e interlocuções de base crítica, analítica e teórica, pautados nas dimensões dos Estudos da Crítica Cultural, que se debruçam sobre os sentidos dos Empoderamentos negros femininos na contemporaneidade. Para além, foi possível instigar o debate para aprofundar as futuras reflexões em torno das literaturas que tem como mobilizadores elementos plurais e de interfaces entre literatura, ancestralidade, diáspora, memória, história e negritude para compreensão da cultura- memória. Sendo este, calcado na perspectiva da pluridiversidade, para a educação como promissora da integração igualitária e democrática na sociedade,

ressignificando possíveis leituras, com o propósito de promover a articulação entre pensamento e ação, acentuar e firmar a produção cultural feminina afrodescendente no conjunto dos modos de Empoderamentos.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo. Polém Livros. 2019, p.184.

DAVIS, A. *Mulher, Raça e Classe*; 1ª publicação na Grã-bretanha pela The Women's Press, Ltda. Em 1982 Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrivência - a escrita de nós*: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma*, 1985.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. 1983.

HOOKS, bell. *Feminism is for everybody*: passionate politics. Londres: Pluto Express, 2000.

RIBEIRO, Djamilia. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

Santiago, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas-BA : UFRB, 2012.

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/25/o-que-empoderamento-feminino-joyce-berth-explica-sentido-do-termo.htm?cmpid=copiaecola>.

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/25/o-que-empoderamento-feminino-joyce-berth-explica-sentido-do-termo.htm>